

CRONOTOPO DA INFÂNCIA: UMA PROPOSTA DE COMPREENDER O ESPAÇO NA ABORDAGEM PESQUISA COM

Jullie Belmonte de Aguiar;

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

jullie.bel.aguiar@gmail.com

Luana Ramos Neves.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ramosluana@gmail.com

Resumo: O presente trabalho surge da necessidade de compreender a relação criança-espço escolar e a forma com que estas assimilam e reelaboram os recursos a elas ofertados. Nosso objetivo aqui é entender a proposta pedagógica desse “chão da escola”. O que dizem esses espaços escolares? Como as crianças percebem o lugar que ocupam? Nossa pesquisa destaca o protagonismo as crianças, pois não nos interessa uma visão adultocêntrica dos questionamentos por nós levantados. Cada enunciado de uma pergunta já supõe uma hipótese de resposta e aqui, nos deixamos surpreender com o que o campo nos revela. É uma pesquisa qualitativa caracterizada pela abordagem “pesquisa com” em que somos postas juntamente em diálogo com aqueles que pretendemos conhecer.

Palavras-chave: Espaço, Infância, Cultura Escolar, Didática, Heterociência.

1 Introdução

Considerando que a criança é criativa e dinâmica, uma sala de aula com poucas opções instigantes de produções e interações limitam o desenvolvimento de possíveis aprendizagens. A especificidade de cada criança juntamente com suas curiosidades e áreas de interesse, indicam as demandas necessárias que por vezes a escola não se dá conta.

Nossa proposta é entrar no diálogo com as crianças e assim, entender esse cronotopo da infância: “enquanto o espaço é social, o tempo é histórico, pois é a dimensão do movimento no campo das transformações e dos acontecimentos” (GEGe, 2009, p.25). Este conceito Bakhtiniano remete a complexidade das relações entre tempo e espaço. O sujeito é cultural e histórico, sua constituição e identidade se formam em um contexto maior, em que articula as dimensões éticas, estéticas e epistemológicas. Fazendo uma ponte entre a teoria e o campo estudado nessa pesquisa, a categoria vivencial denominada infância possui seus atributos e especificidades.

Ao longo das entrevistas surgiram os motivos e justificativas que as levam a optar por determinado espaço e não outro, nossa conversa se desenvolve atentando para as relações de afinidade e proximidade, assim como a forma que ocupam os espaços, revelando aspectos desse território denominado infância e escola.

O objeto específico das Ciências Humanas é o discurso ou, num sentido mais amplo, a matéria significante. O objeto é um sujeito produtor de discurso e é com seu discurso que lida o pesquisador. Discurso sobre discursos, as Ciências Humanas têm, portanto, essa especificidade de ter um objeto não apenas falado, como em todas as outras disciplinas, mas também um objeto falante. (Amorim, 2002, p. 10)

Buscamos aqui refletir sobre como esses espaços são organizados e planejados, e sobretudo para que eles são projetados, como eles limitam e controlam nossas crianças e sua criatividade. Foucault afirma que a escola é uma das instituições de controle dos corpos, como o hospital, o quartel e a prisão, portanto suas arquiteturas se assemelham. Nos cabe aqui pensar nessa reprodução automática do espaço escolar, aquele espaço que aprisiona enquanto deveria libertar.

Para responder essas questões resolvemos utilizar como método, entrevistas com crianças de diferentes contextos, escolas e idades, com objetivo de descobrir suas demandas e especificidades, as entrevistas aconteceram individualmente, algumas feitas por nós, outras pelos próprios pais. O curioso porém é que na sua grande maioria as respostas se assemelham. A quadra é apresentada como lugar de fuga, a sala de aula é vista como o oposto de diversão. Ao que se deve esse fato? É isso que buscamos refletir em nossa pesquisa.

1.1 Espaço escolar: Como seria um espaço escolar libertador e criativo?

Primeiro, deve se avaliar a proposta em que será realizado o processo de ensino aprendizagem, a modalidade e nível de ensino também vão determinar a forma que se lida com esse espaço, por exemplo a educação infantil é colorida e possui brinquedos, por outro lado, a sala de aula do ensino fundamental tem um quadro e cadeiras enfileiradas. Esse paradigma é histórico e acreditamos que essa cultura escolar está tão internalizada que, para superá-la é necessário uma nova forma de enxergar a escola. Esse discurso é difundido entre as gerações:

E.B. 4º ano 8 anos

*O que você gosta de fazer na escola?

E.B. Bem, eu gosto de estudar porque é bom que você fica mais inteligente e também que você sabe tudo de cara que a pessoa te falar também eu gosto de estudar porque é legal.

*Qual parte da escola você mais gosta?

E.B. É a sala de aula porque é lá que eu aprendo tudo.

Esse movimento também aparece na Educação Infantil:

J.M. Nível 2 - 4 anos

*O que tem na sua escola que você mais gosta?

J.M. Os deveres que todo mundo faz

*Qual parte da escola que é mais bonita?

J.M. A parte da escola que a gente sai. (pátio)

*Agora pensa que eu preciso ir em um lugar da sua escola e você só pode me mostrar um lugar, qual seria?

J.M. Embaixo da escola, que é na aula da Tia Letícia.

*Ela dá aula de que?

J.M. Educação física. Eu corro, eu faço brincadeiras.

*Na sala de aula tem alguma coisa que você gosta muito de fazer?

J.M. Dever!

Ao pensar *escola* já temos um panorama, ao pensar *aluno* já temos um sujeito e suas atribuições. Repensar essa lógica é fundamental para que possibilite o surgimento de novas práticas, estas, frutos de leituras de pesquisas da área e diálogo com outros profissionais da educação.

As relações sociais como as escolares são, antes disso relações humanas, ou seja, relações entre seres humanos concretos, históricos e

com uma história pessoal, "sujos do mundo", e não seres etéreos dos manuais dos manuais humanistas. Cada um que cruza nosso caminho é ao mesmo tempo a alteridade radical com quem dialogamos sem sínteses, e partilha conosco um tempo e um lugar referências culturais e pertencimentos sociais" (Mello, 2017, p. 81).

Nos cabe retirar essa criança do papel *aluno*, papel esse que limita sua totalidade como sujeito reflexivo, que ignora o fato de que a criança toma posse do ambiente que habita o construindo e reconstruindo a partir de suas lógicas e hipóteses, e que esse movimento se bem aproveitado pode e deve ser usado como instrumento de ensino.

As crianças são vistas como produtoras de cultura e exprimem através dela suas percepções e interações com os pares ou os adultos. As culturas infantis apresentam especificidades, como os modos como o lúdico e o faz de conta são incorporados. Quanto às instituições voltadas para as crianças, observa-se a ação que configura o ofício de criança determinando padrões de "normalidade" para o desempenho social" (Motta, 2011, p. 164).

Um espaço escolar não pode ser estático, sem vida, sem cor, porém também não deve possuir muitas informações, cores e objetos em excesso. O Ambiente precisa ser móvel, aberto a ressignificações, facilitando as relações sociais e trocas de experiências. Podemos reforçar aqui essa afirmação de acordo com Daniela Guimarães:

[...] Acolher não é somente ser gentil, não se trata de produzirmos um espaço aconchegante e gostoso (o que também é fundamental), mas sobretudo, de considerarmos como o espaço sustenta os planos das crianças e as interações que desenvolvem (Guimarães, 2012, p. 94).

Sendo assim o espaço vai além do físico, também é considerado a forma como a criança se envolve com o ambiente. O lúdico entra em cena para levar a brincadeira, a atividade com a criança para outro lugar, em que possibilidades se abrem. Uma das crianças entrevistadas na falta de uma bola para jogar futebol com seus amigos resolve seus problemas ressignificando o copo de guaravita e a tampinha de garrafa pet, a partir daquele momento esses objetos se tornam outra coisa, eles se tornam exatamente aquilo que as necessidades dos alunos demandam.

L.S. 3º ano 7 anos

*Como é a sua escola?

L.S. Legal... e um pouquinho chato porque não tem brinquedo novo, chegou só um brinquedo novo e ele é chato, é um totó.

*Quais brinquedos que tem lá?

L.S. Escorrego balanço e só.

*Se eu fosse na sua escola qual lugar você me mostraria? Seu lugar favorito?

L.S. O pátio, porque eu jogo bola mas a bola da gente é guaravita porque a gente não tem bola.

*Dá certo?

L.S. Às vezes a gente brinca com tampinha, minha professora disse que vai transformar aquilo em um campo de futebol de verdade.

2 Metodologia

A princípio elaboramos um roteiro de perguntas que foram sendo adaptadas de acordo com a situação, o objetivo é descobrir o que as crianças têm a dizer sobre a escola, focando no aspecto que conduzimos a conversa. Aliás, não levamos como uma relação pergunta resposta, por mais que esteja transcrito de forma sistemática. Editamos no formato que garantisse clareza para expressar o que foi dito e utilizamos gravação de áudios como suporte.

O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado (Bakhtin, 2011, p. 395). Utilizamos entrevistas não estruturadas (padronizadas) para assim podermos obter informações a respeito do que as crianças sabem, creem, esperam, sentem ou desejam. Também buscamos compreender suas explicações ou razões a respeito de suas respostas.

Refletirmos acerca das respostas obtidas em nossas entrevistas, para assim dialogarmos com as problemáticas aqui levantadas em sua totalidade. Ao tratar de protagonismo infantil, a enunciação parte da criança. Quando alguém diz que “dá voz aos alunos” esquece que eles já a possuem e só basta dar ouvidos, entender e considerar o que dizem. Ainda na perspectiva Bakhtiniana, os conceitos de dialogismo e alteridade nos ajudam a perceber como o sujeito é atravessado por palavras próprias e alheias, e assim constitui-se socialmente a partir da interação verbal com o(s) outro(s).

G.N. 1º ano 6 anos

*Como é a escola?

G.N. Legal, grande.

*Você conhece a escola toda?

G.N. Não fui em todos os lugares ainda.

*Qual lugar mais maneiro da escola?

G.N. A quadra então, tem pique caranguejo a gente brinca.

*Tem mais alguma brincadeira que você faz lá?

G.N. Tem de todas as coisas, pique gelo...

M.O. 1º ano 6 anos

*Qual lugar mais maneiro da escola?

M.O. O corredor, não! a quadra. Porque dá pra correr e brincar.

*Você brinca de que?

M.O. Coelhozinho na toca.

*Qual parte é a mais chata?

M.O. Bebedouro porque não tem nada lá, só tem água! E o banheiro que só tem xixi e coco.

Segundo as diretrizes, o brincar é articulado com a prática pedagógica: “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores a interação e as brincadeiras” (DCNEI, 2010, p. 50). Já a Base Nacional Comum Curricular, documento que visa nortear os currículos de todas as escolas brasileiras, traz em seus campos de experiências para a Educação Infantil a importância do brincar para a formação plena dos alunos. Por que esses documentos que tratam do macro não são seguidos pelas escolas? Por que o brincar fica de fora das práticas escolares?

As brincadeiras relatadas nas entrevistas são clássicas, quando éramos crianças também brincávamos de pega-pega, pique gelo, pique esconde... Nesse sentido, Barbieri ao pontuar que: “Cultura da infância, criança, corpo, arte. Nosso corpo articula conexões entre tudo que vivemos, ele também percebe o invisível, o indizível.” (2012, p. 113) nos indica a importância de a partir da realidade, ir além do óbvio ao pensar rotina escolar, considerando outras esferas além da cognitiva.

1.1 Perfil das crianças entrevistadas

Nossa pesquisa ocorreu com crianças de diferentes faixas etárias, anos de escolaridade, algumas com contextos mais parecidos, outras com contextos bem diferentes. Buscamos com isso encontrar uma gama mais vasta de realidades, a fim de discorrer sobre as dicotomias da sala de aula e o brincar.

Dentre os sujeitos da nossa pesquisa cinco crianças são do Estado do Rio de Janeiro, 6 delas moram em Nova Iguaçu, uma na Penha. Uma das crianças é de Brasília, e frequenta a escola pública. E outra de Pernambuco, frequenta escola privada com preços acessíveis a classe média baixa.

2. Análise dos resultados

Ao serem questionados sobre momentos de prazer na escola logo se referem a grandes espaços como quadra, parquinho e pátio. A nomenclatura muda mas sabemos a que estão se referindo: a espaços em que são livres para brincar.

Parece que se a criança está na escola, isso significa que deva

apenas “obedecer” e “cumprir” ordens, que são entendidas como aprendizagens. As crianças ouvem muitos “nãos” na escola, limitações mecânicas, sem reflexão e significado (Barbieri, 2012, p. 109).

A pesquisa se deu em um grupo de crianças variadas na faixa etária e escolas, o que torna o campo mais amplo. A princípio, nossa pesquisa não estava focada a esta categoria mas devido a recorrência, essa questão se tornou necessária para aprofundamento e reflexão.

M.C. Pré 5 anos

*Se você fosse me mostrar um lugar na sua escola qual seria?

M.C. Parquinho

*Por que?

M.C. Eu gosto de ir no parquinho.

H.M. 3º ano 8 anos

*Qual o lugar mais maneiro da escola?

H.M. A quadra porque é um momento de diversão a gente pode lancha e fazer todo o resto.

O brincar tem a “permissão” de se realizar no recreio. Esse território do brincar tem seu momento, que contrasta com a rigidez do sistema escolar focado nas relações didáticas de ensino aprendizagem.

No brincar, as crianças vão também se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras. Nesse processo, instituem coletivamente uma ordem social que rege as relações entre pares e se afirmam como autoras de suas práticas sociais e culturais (Borba, 2012, p. 109).

A Institucionalização da Infância que por um lado garante a criança o direito à educação desde pequenas, por outro faz com que essas crianças tenham seu cotidiano regulado por uma Instituição responsável por educá-las, fora da esfera privada da família. O problema aqui é quando essa Institucionalização é feita de modo a garantir pouco tempo para que a criança seja de fato uma criança.

Atualmente com o avanço de programas que buscam colocar a brincadeira como eixo formativo, por exemplo a Base Nacional Comum Curricular, e assim utilizá-la como meio para atingir o desenvolvimento, visualizamos um avanço na perspectiva de garantir um espaço, mas deve-se investir na formação docente para que as práticas pedagógicas sejam coerentes com a proposta estabelecida. A mediação

das atividades devem despertar o potencial artístico e o lado criativo dos alunos.

Arte é infância. Arte significa não saber que o mundo já é, e fazer um. Não destruir nada que se encontra, mas simplesmente não achar nada pronto. Nada mais que possibilidades, nada mais que desejos (...) (Rilke, 2007, p.).

Embora vários aspectos tenham sido destacados, nossa questão central é discutir como apesar de não percebemos, o ambiente escolar é parte do aluno, mesmo quando não planejamos estas crianças agem em cima desse ambiente, o significando e reelaborando a todo momento. Então por que não utilizarmos isso a nosso favor em nossas práticas pedagógicas? Por que tornar a sala de aula o antônimo de diversão e criatividade?

3 Conclusão

Concluimos com nossa pesquisa que a criatividade das crianças é inerente a elas, que nem o ambiente, nem a proibição dos professores, a falta de material “adequado” mata essa criatividade. O que acontece é que as práticas pedagógicas acabam não a utilizando, esquecemos que a criança tende a aprender muito melhor com as trocas de experiências e vivências, e que o ambiente é fundamental para que isso ocorra.

Os processos de criação podem ser individuais ou coletivos. De qualquer forma, os sujeitos criam regras e estratégias para que o processo se desenvolva, mesmo que isso ocorra de maneira intuitiva. Aquele que produz um trabalho, escolhe os materiais e circunstâncias que vai produzi-lo. Ou diante de circunstâncias dadas, resolve o que vai fazer (Barbieri, 2012, p.42).

Nossas entrevistas mostram a relação distanciada que as crianças têm com a sala de aula, a sala de aula é onde se faz dever, a quadra é onde se brinca e se instaura o cronotopo da infância, será que essa é a educação que desejamos em nossas escolas? Será que uma mudança de paradigmas é algo tão impensável assim? Um caminho é ouvir a voz e protagonismo das crianças, assim torna-se muito mais fácil mudar.

Referências

AMORIM, M. **Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas**. Cadernos de Pesquisa, n.º. 116, p. 7-19, jul. 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins fontes, 2011.

BARBIERI, S. **Interações: Onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

GEGe, **Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

GUIMARÃES, D. **Educação Infantil: cotidiano e políticas/ Patrícia Corsino (org.)**
Campinas: Autores associados, 2012.

MELLO, M. **Amor em tempos de escola**. São Carlos: Pedro e João editores, 2017.

MOTTA, F. **De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 157-173, jan./abr. 2011

RILKE, R. **Cartas do poeta sobre a vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.